

RESPONSABILIDADE E AÇÃO: ESTRUTURAS DE UMA MORAL DA EXISTÊNCIA?

LA RESPONSABILITÉ ET L'ACTION: STRUCTURES MORALES DE L'EXISTENCE?

Thiago Teixeira*

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo verificar a ação e responsabilidade como acenos morais no existencialismo humanista de Jean- Paul Sartre. Embora Sartre não seja reconhecido como filósofo moral, não há como negar a atmosfera ética que se deixa entrever em seus ensaios. Podemos, a rigor, compreender que o aceno moral no arcabouço epistemológico de Sartre se estrutura, em alto grau, nos conceitos de ação e de responsabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; liberdade; existencialismo; ação; responsabilidade

RÉSUMÉ

Cet article vise à vérifier l'action et de la responsabilité que des hochements de tête morales dans l'existentialisme humaniste de Jean-Paul Sartre . Bien que Sartre est pas reconnu comme un philosophe moral, on ne peut nier l'atmosphère éthique qui fait allusion à dans ses essais . Nous pouvons , en effet , comprendre que le feu vert morale dans le cadre épistémologique de Sartre est structurée , dans une large mesure , les concepts d'action et de responsabilité.

MOTS CLÉS: Sartre; la liberté; l'existentialisme; l'action; la responsabilité

* Mestre em filosofia pela FAJE- Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor de Filosofia da PUCMINAS. E-mail: thiago_philosopho.exist@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Não se apequena a importância da ação nos limites do pensamento de Sartre, visto que o homem é o ser que se faz de modo intencional. Resta-nos saber se a ação, aliada à responsabilidade, se configura como elemento moral em Sartre.

Sabemos que a realidade humana é criada como uma obra de arte na qual o próprio homem é o artista que detém em suas mãos as cores e os projetos. Entendemos essa posse de si como a responsabilidade. O que nos interessa é perceber o homem como aquele que, consciente de seu projeto, constrói sua essência de modo integralmente comprometido. Notamos assim, a tensão que aproxima ação e responsabilidade. Afirmamos, com Sartre, que essa tensão denota a realidade humana.

O existencialista quando descreve um covarde declara que este covarde é responsável por sua covardia. Ele não é assim por ter um coração, um pulmão ou um cérebro de covarde, ele não é assim a partir de uma organização fisiológica, mas sim porque ele se modelou um covarde por meio de seus atos. Não existe temperamento covarde. Há temperamentos que são nervosos, há o “sangue fraco”, como dizem as pessoas, ou temperamentos ricos. Mas o homem de sangue fraco não é necessariamente covarde, pois o que define a covardia é o ato de renunciar ou ceder; um temperamento não é um ato; o covarde se define a partir dos atos que realiza. O que as pessoas sentem obscuramente e lhes causa horror é o que o covarde que apresentamos é responsável por sua covardia. (SARTRE, 2010, p.44).

Na ausência de uma natureza, a existência — que é anterior à essência — indica a condição humana. Assim, não há natureza de covarde, herói ou medroso, uma vez que o homem será aquilo que fizer de si mesmo. Ao se construir, isto é, ao se assumir como resignado, ou qualquer outro modo de ser, assim será o desenho de seu projeto existencial. Não há, no existencialismo de Sartre, a verticalização da definição de homem. Este se lança de modo horizontal na construção de sua existência. Negamos a existência de um coração, um pulmão ou um rim de covarde. O que o homem se tornar depende de suas escolhas não de uma natureza impregnada numa essência ou resvalada em sua fisiologia. Deste modo, a configuração da essência está na iminência de ser construída. Na obra *O Existencialismo é um humanismo*, nosso autor afirma que os homens se iludem quando creem que nascem covardes ou heróis (SARTRE, 2010, p.44). Se, de fato, o homem nascesse com a essência de herói ou covarde seria afastado da responsabilidade de suas ações e seria entregue a um

profundo quietismo. Ademais, não haveria angústia, visto que esta se apresenta como a consciência da ausência no miolo do ser do homem que o lança rumo ao tornar-se. A ela é correlata ao processo de configuração de si, pois o homem que se vê entregue à gratuidade da existência é incitado a se fazer dentro das possibilidades. Possibilidades estas que estão a sua frente, visto que o passado é em-si e, por sua vez, inalterável. Nesse sentido, a angústia se interpõe entre a liberdade e a construção permanente do homem que traz a si todo o encargo de seu ser. Logo, o homem deve se afastar de condutas nas quais ele se totaliza e que, por sua vez, abafam a angústia como compreensão do ser que está aberto aos possíveis. Ao se vincular, por exemplo, ao espírito de seriedade a realidade humana se engessa e o homem se entrega a uma completude virtual e irresponsável.

O Ser e o Nada terminou em “perspectivas morais” pela crítica ao espírito de seriedade que exhibe o desespero “que todas as atividades humanas são equivalentes, uma vez que eles tendem a sacrificar tudo para o homem trazer para fora a causa de si, mas todos estão fadados ao fracasso. Assim ele mesmo se inebria solitariamente ou conduzido por outras pessoas. Se qualquer uma dessas atividades supera o outro não será por causa de seu propósito real, mas por causa do nível de consciência que tem sua meta ideal” (SARTRE, EN 691, apud NOUDELNANN; PHILIPPE, 2004, p.325).¹

Ao renunciar o espírito de seriedade que, nesse caso, obnubila o homem de sua própria existência, este mesmo homem toma consciência de sua existência que está aberta. Essa consciência angustiada da abertura aos possíveis é o que chamamos, em Sartre, de responsabilidade. A responsabilidade coloca o homem diante de si e de todos. Comprometer-se consigo indica uma preocupação com todos os homens. Há aqui uma atenção para consigo mesmo e para com o outro. O homem escolhe a si mesmo e, ao fazê-lo, escolhe a humanidade por inteiro, isto é,

Nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo. Se eu sou um operário e escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é, no fundo, a solução que convém ao homem, e que o reino do

¹ Segundo Noudelmann e Philippe, *L'Être et le Néant* s'achevait sur des perspectives morales "perspectives morales" par la critique de l'esprit de sérieux qui découvre dans le désespoir "que tout les activités humaine sont equivalentes —car elles tendent tout à sacrifier l'homme pour faire surgir la cause de soi — et que toutes sont vouées par principe à l'échec. Ainsi revient-il au même de s'enivrer solitairement ou de conduire les peuples. Si l'une de ces activités l'emporte sur l'autre, ce ne sera pas à cause de son but réel, mais à cause du degré de conscience qu'elle possède de son but idéal.

homem não se dá nesta terra, eu não estou decidindo apenas no meu caso particular: eu quero resignar-me por todos, conseqüentemente, minha escolha envolve a humanidade inteira. E se eu quero algo mais individual, casar-me, ter filhos, embora este casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com isso eu estou envolvendo não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade na prática da monogamia. Assim sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem de homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem. (SARTRE, 2010, p.29).

Não raro, a responsabilidade implica a radicalidade de escolher a si mesmo e concomitantemente, escolher aos outros. Antes de adentrarmos na questão da universalidade da escolha que, por sua vez, se firma na universalidade do projeto do homem enquanto tal, cabe-nos apontar a importância da escolha e sua relação com a responsabilidade, visto que este encontro se dá no campo da necessidade.

Vale lembrar que Sartre encontra no fundo da responsabilidade a angústia. Ela aqui não se apresenta como motivo ou fundamento de uma postura inerte diante da vida, ao contrário, está para a ação. Uma ação que, embora alcance a todos, se origina na solidão. Nosso autor utiliza o exemplo do chefe militar que assume a responsabilidade de atacar seus inimigos e envia certo número de homens à morte. É indelével o fato de que aquele homem agiu, visto que é possível identificar um projeto, uma intenção e a previsão, mesmo que não total, dos fins previstos. Diante deles estão abertas todas as possibilidades, ou seja: de enviar os soldados ou não? Quantos soldados? Quais soldados? No entanto, ao escolher e tomar uma decisão aquele militar conhece a angústia. Ele também faz surgir, ao se angustiar, o valor e isto porque o único sentido dado será aquele imbricado à escolha daquela possibilidade e a recusa de todas as outras. Isso não impede que o homem aja, ao contrário, é a condição mesma de sua ação na medida em que as ações ocorrem com vistas a alterar uma realidade posta. Logo, o homem se angustia e se lança nesse jogo rumo àquilo que ainda não é.

Ele se encontra nesse horizonte de angústia e de responsabilidade com a exigência de que seja o legislador, isto é, quem escolhe a si e a todos, imprimindo sentido ao mundo. O nada, que por ele emerge, indica sua responsabilidade, ou seja, a ausência “de” algo que sustente ou totalize o sentido da existência e de tudo aquilo que a circunda. Logo, esse mesmo homem possui uma responsabilidade larga e profunda, visto que não há valores,

sentidos e essências dadas, há somente a constatação de que tudo o que surgir, a partir de sua liberdade, deverá ser criado e re-criado numa constante.

A condenação do homem à sua liberdade faz com que ele traga a si a responsabilidade pelo mundo inteiro, na medida em que cria a si mesmo e escolhe determinada maneira de ser homem. Ele é condenado também a essa responsabilidade. Sartre entende a responsabilidade do homem em ter consciência de que é autor indelével de um acontecimento ou de um objeto. A responsabilidade é correlata ao ser do para-si, uma vez que este faz com que haja mundo e ao mesmo tempo se afirma nesse mesmo mundo criado. Colocamos em relevo um dado significativo: a situação. A criação de sentido do mundo ocorre concretamente e de modo situado neste mesmo mundo. É necessário então que o para-si assuma conscientemente a situação com vistas a transpô-la.

As adversidades impostas pelas situações, ainda que se apresentem como insuportáveis, não devem retirar do homem a “consciência orgulhosa” (SARTRE, 2009, p.678) de ser autor de sua existência e do próprio mundo, na medida em que é através de sua existência que o sentido e o valor emergem a realidade. As piores condições que se contrapõem ao homem não fazem outra coisa senão fazer com que ele mesmo compreenda o encargo de existir e de fazer-se. Logo, as condições de adversidade que atingem o homem, adquirem sentido e são transpostas enquanto esse mesmo homem compreende o ser que ele é, ou seja, aquele que intencionalmente transvalora a realidade. Liberdade e situação não são excludentes, visto que

O próprio “sítio”, enquanto tal, existe por causa mesmo da liberdade. Além disso, com já sabemos um sítio só possui sentido por causa de nosso projeto livre. Se o meu fim é alcançar uma cidade a vinte quilômetros de distância por uma estrada asfaltada, essa cidade está muito mais próxima de mim do que a montanha sem acesso que vejo a apenas cem metros de distância, com 800 metros de altura, que não tenciono escalar. Heidegger observa, nesse sentido, que os óculos que tenho sobre meu nariz e que não percebo enquanto aprecio uma paisagem estão infinitamente mais longe do que a paisagem que vejo a quilômetros de distância. O termo “distância” é aqui mal empregado, porque “distância” nada tem a ver com geometria: só pode existir pelo prisma do meu projeto. As coisas do mundo do Em-si ignoram o que seja distância: podem estar justapostas, em mútuo contato, lado a lado, acima ou debaixo da outra, ou separadas, mas sempre, entre elas, só existem relações de exterioridade. Quer dizer: em relacionamento que se auto-ignora. Só a presença humana *presencia* a relação espacial entre as coisas mundanas: estas são “presentes” umas às outras — ao contrário, estão ausentes, desconhecem o sítio que ocupam no espaço e a distância que as separa. (PERDIGÃO, 1995. p.96).

Só o ser do para-si pode, pelo deslocamento que lhe é possível, ter consciência de sua presença no mundo como falta e, mais, dar sentido a esse mesmo mundo ao percebê-lo. Ao compreender a realidade e se lançar num processo de criação permanente a partir de seu projeto existencial, ele se afasta da resignação. Com efeito, responsabilidade e resignação são campos largamente distantes, visto que a responsabilidade é a reivindicação da liberdade que sou enquanto ser dos possíveis. Estruturalmente a liberdade exige responsabilidade, pois o homem escolherá constantemente sua essência. Logo, ao agir trago a mim a radicalidade do que empreendo enquanto humano e, na mesma esteira, também assumo ao fazer algo com outrem o compromisso do que realizo, pois estamos num horizonte estritamente humano. Constatamos que tudo o que há e ocorre mesmo nas situações mais conflitantes, denotam o que é humano. Tentar se esquivar, dizendo que as atrocidades indicam ações inumanas, é um erro. Ao fazê-lo, tentamos retirar de nossas costas o peso da escolha e nos entregar a uma categoria que nos faz escapar da responsabilidade do que somos ou fazemos.

2. A INDETERMINAÇÃO DO HOMEM E SEUS ALCANCES MORAIS

O homem não se determina por nada dentro ou fora dele mesmo. Ora, e as condições materiais e situacionais? Não seriam elas responsáveis por moldar o sujeito e entregar-lhe o roteiro de como deve ou não agir e se constituir? Com efeito, a situação exige a liberdade enquanto atualizadora, mas ela não engessa homem ou o coloca como em-si, isto é, capaz apenas de agir mecanicamente ou positivamente. Neste caso, sua existência escorreria por seus dedos, não seria sua, visto que suas atribuições não seriam por ele configuradas. Tudo o que o homem realiza é seu.

A guerra, o sistema econômico e moral pertencem a ele mesmo. Cabe-lhe então a escolha que o impulsiona a agir. Esta ação indica seu compromisso total. O homem se engaja, a fim de constituir sentido a sua existência e comprometer-se radicalmente com o que constata ser a melhor forma de ser humano. O engajamento é, a nosso ver, o meio pelo qual a transcendência humana expressa, em alto grau, o valor que constrói. Nesse sentido,

engajar-se é assumir sua época, os seus valores e, sobretudo, a humanidade. Assumir e reconfigurar horizontes são aqui sinônimos. Através do engajamento, o homem — a partir de sua escolha que é subjetiva — se lança à universalidade concreta, visto que essa universalidade,

não é dada, e sim permanentemente construída. Edifico esta universalidade ao escolher-me. Eu a construo compreendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja. Este caráter absoluto da ação de escolher não suprime a relatividade de cada época. O que o existencialismo pretende mostrar é, principalmente, a relação entre o caráter absoluto do engajamento livre, pelo qual cada homem se realiza ao realizar um tipo de humanidade. (SARTRE, 2010, p.49-50).

Notamos que, desse modo, Sartre não suprime ou encerra suas investigações numa constatação da verdade do mundo e, sobretudo do homem, na esfera da subjetividade, ou melhor, no solipsismo. Sartre coloca o homem, resguardando sua transcendência horizontal, frente à universalidade que se firma no projeto existencial que está presente em todos os homens, mesmo que se diferencie sob o prisma das situações. O trânsito entre a solidão e a presença concreta no mundo que abarca a todos através do projeto existencial pode ser expressa a tensão entre o sujeito e a universalidade, visto que esta também denota seu compromisso.

Todos os sujeitos vivem e se inventam em sua situação, no entanto, algo os aproxima. O quê? O fato de que todos eles se fazem a partir de seu projeto. Logo, Ser homem é ser responsável por todos os homens. Nesse sentido, aproximamos a responsabilidade e a ação da moral, uma vez que o homem é largamente responsável pela imagem do humano que constrói e pelo modo que esta afeta a todos os homens de sua época. Moral e realidade são iluminadas pelo homem, ou pelos homens que se compreendem como autores angustiados de todos os seus horizontes.

Não obstante, é impossível esquecer o fato de que o homem é lançado no mundo e sua existência se firma na gratuidade. Logo, ele é responsável por tudo que faz de si mesmo e pelo que afeta ao outro. É importante lembrar que o homem está desamparado no mundo. Aqui surge sua responsabilidade. Este desamparo não é semelhante a um objeto que desliza passivamente sobre uma planície, isto é, não se reduz a recusa de agir ou de escolher responsabilmente, visto que o homem é responsável até pelo desejo de se esquivar dessa

responsabilidade. E aqui está o ápice de nossas discussões acerca da responsabilidade: a escolha radical do para-si, por si mesmo e por todos os outros homens. Ademais, vale ressaltar que essa escolha ocorre de modo concreto, horizontal, pois não há nenhum indício de valor que seja, para Sartre, anterior à existência e o movimento existencial de construção da essência humana.

Escolha e responsabilidade se relacionam profundamente. Aderir a si mesmo indica a facticidade. A escolha se liga à facticidade, pois nela o homem age de modo a transcendê-la. Somos responsáveis por nós e pelo que decidimos fazer a partir das condições objetivas. Tomamos nossa existência desde o nosso nascimento. Ter responsabilidade, em certo sentido, por nosso nascimento pode soar estranho e, por isso, cabe esclarecer que certamente nosso nascimento bruto nos escapa, isto é, não apreendemos tal fenômeno e, por isso, ele nos é inapreensível. Como podemos ser responsáveis por nosso nascimento se este mesmo nos escapa como fato bruto? Sartre afirma que através da projeção do para-si tomamos a facticidade e a responsabilidade do nosso nascer, isto é, entendemos nosso lançamento nesta realidade e nos envergonhamos, nos regozijamos ou nos assombramos com essa gratuidade. Fato é que transcendemos aquele fenômeno que se firma na gratuidade da existência rumo à configuração do que podemos ser. Todo o horizonte humano então é construído a partir da escolha do homem e essa escolha se diz até pelo seu nascimento, isto é,

a facticidade está em toda parte, porém inapreensível; jamais encontro senão a minha responsabilidade, daí porque não posso indagar “*por que nasci?*”, maldizer o dia de meu nascimento ou declarar que não pedi para nascer, pois essas diferentes atitudes com relação ao meu nascimento, ou seja, com relação ao *fato* de que realize minha presença no mundo, nada mais são, precisamente, do que maneiras de assumir com plena responsabilidade este nascimento e fazê-lo *meu*; também aqui só encontro comigo e meus projetos, de modo que, em última instância, minha derrelição, ou seja, minha facticidade, consiste simplesmente no fato de que estou condenado a ser integralmente responsável por mim mesmo. Sou o ser que é como ser cujo ser está em questão em seu ser. E este “é” de meu ser e como sendo presente e inapreensível. (SARTRE, 2009, p.681).

Sartre aproxima a derrelição da existência humana. A partir dessa condição torna-se encarregado pelo que empreender de si. Estar jogado no mundo, isto é, ausente de significados prévios entrega o homem radicalmente na tomada de sua vida. Ela é sua. Esse homem, todavia, não está só na facticidade, isto é, ele encontra com os outros que o olham

e são, como também sabemos, intermediários dele consigo mesmo. O homem, portanto, é responsável por seu projeto, sua subjetividade que ocorre de modo factual, pela imagem do homem que se realizará em seu tempo e por uma universalidade, que não é abstrata, mas sim concreta.

Destarte, a situação se interpõe nessa discussão, uma vez que a existência humana, bem como a moral será situacional. É através da situação que os homens decidirão e assumirão suas ações. Estar situado, deste modo, é refigurar os valores através das relações entre existência e história. Logo, notamos a distância presente entre as perspectivas morais sartrianas em relação às considerações éticas de Kant que, por sua vez, se firmam no modelo do imperativo categórico. Para Sartre, o homem não está à mercê de formalismos éticos como o imperativo kantiano, mas entregue à condição ontológica da liberdade que lhe permite entrever uma moral concreta e aberta, visto que o valor, assim como o homem nunca será totalizado. A universalidade, em Sartre, se vincula ao concreto, como nos mostra Arno Münster, em sua obra *Sartre et la Morale*:

À diferença de outras éticas e morais esboçadas a partir de princípios (abstratos) universalmente válidos (como, por exemplo, a ética kantiana), Sartre insiste bastante sobre o fato que uma mudança da situação histórica e social concreta pode fazer perder todo o sentido desta exigência moral. Só resta uma saída a esse dilema: “desenvolver mais a noção de universal concreto” para que a moral possa ser mais ampla e mais profunda. “É preciso, por assim dizer, criar o universal concreto”²

Tudo pertence ao homem: o mundo, a situação e o valor. Sendo assim, ele se angustia, pois é altamente responsável por tudo isso que está à espera que ele ilumine e crie sentido. Ademais, a consciência de sua derrelição faz com que ele transite entre a angústia e a responsabilidade, ao passo que ele é integralmente responsável pelo seu ser que está constantemente em questão. Sartre entende que a ação que se relaciona categoricamente a responsabilidade, pois fazer-se implica engajar-se radicalmente e, mais, não se trata de uma transcendência abstrata, ao contrário, agir implica responsabilidade com uma situação, ou seja, com as condições concretas de existência. Logo, a transcendência é concreta. Não é

² À la différence d'autres éthiques et morales esquissées à partir de principes (abstraites) universellement valides (comme par exemple l'éthique kantienne), Sartre insiste beaucoup sur le fait qu'un changement de la situation historique et sociale concrète peu faire perdre tout sens à cette exigence morale. Il ne reste donc qu'une seule issue à ce dilemme: “développer davantage la notion d'universel concret” pour que la morale puisse être plus large et plus profonde. “Il faut, à vrai dire, créer l'universel concret”.

nosso intuito tratar dos modos de consciência, como fez nosso autor em sua primeira obra de cunho filosófico intitulada *A transcendência do Ego*, mas é preciso apontar como Sartre já ali aponta que ação — que ele denomina *ação concertada* (SARTRE, 2013, p.44) — é uma experiência de transcendência concreta. Essa transcendência fica clara quando nosso autor afirma que,

isso é evidente para ações como “tocar piano”, “conduzir um automóvel”, “escrever”, porque essas ações são “tomadas” no mundo das coisas. Mas as ações puramente psíquicas como duvidar, raciocinar, meditar, fazer uma hipótese, devem, também elas ser concebidas como transcendências. O engano aqui é que a ação não é apenas a unidade noemática de um fluxo da consciência: é também uma realização concreta. (SARTRE, 2013, p.44).

Notemos que tanto as atividades concretas, quanto as psíquicas do homem denotam transcendência, isto é, ocorrem em situação e empreendem, nessa mesma, uma alteração dessa realidade. Transcender, portanto, é visto em Sartre, como desprendimento do que é rumo ao que ao é. Aqui está a aproximação com a moral, ou seja, a renúncia a valores que não afirmam o homem, por estarem para além dele mesmo e dispensarem sua subjetividade. O tempo necessário para que essa mudança aconteça expressa a exigência da transcendência como modificadora de uma realidade de constrangimento factual.

3. O NADA COMO ESTRUTURA DE INVENÇÃO DO HOMEM

O nada que surge a partir da realidade humana faz com que ela mesma nadifique o que há. Isso denota a recriação empreendida pela realidade humana. Os novos valores, bem como os novos sentidos, florescerão quando o homem se lançar e reconfigurar o mundo. E, sobre isso, Sergio Moravia nos diz:

É inútil perguntar que coisa “determinada” deseja o homem. O objeto de seu desejo enquanto que, por definição, sempre situado para lá do seu ser, é um não-ser. Um não ser que, todavia, no próprio momento em que o deseja, o homem faz ser (...) Destes fundamentos resultará a concepção integralmente laica e mundana da moral (e da axiologia), que constitui uma das linhas condutoras de todo o pensamento sartriano. (MORAVIA, 1985, p.44-45).

Não nos percamos. Ao adentrarmos numa dimensão axiológica, devemos entender que o valor não existe como os objetos, isto é, passivamente. Se o valor possuísse tal existência, estaria no campo do em-si e, como sabemos, é o homem quem ilumina o mundo. Ao iluminá-lo, assume como modo de ser, o ser do para-si. Desta feita, os valores surgem, assim como surge à essência humana, num processo permanente de construção e figuração da situação. Aquilo que está para além do homem e que suprime a sua subjetividade — que se diz pela liberdade —, é rechaçado por Sartre. Destarte, o valor não pode ser *a priori*, ele não pode situar-se num céu inteligível dando a entender que é total e acima dos homens, visto que o mundo, como sabemos, é humano e o homem só pode fazer algo a partir do não-ser, jamais daquilo que é pura positividade. O homem existe no horizonte do possível e só existe possibilidade e valor porque existe homem. A transvaloração ocorre na medida em que os homens assumem o Nada em seu ser que desfaz, a fim de construir novamente, num fluxo humano de existir. Dito de outro modo:

a iluminação do Ser se faz a partir do Não-Ser: eu compreendo o estado da França, de meu partido político, de meu grupo confessional a partir daquilo que eu gostaria que ele fosse, a partir daquilo que eu planejo fazê-lo tornar-se. Em outras palavras, o Não-Ser intervém diretamente como estrutura da verdade ou da iluminação do Ser. (SARTRE, 1990, p.42).

Para nosso Sartre, a metafísica clássica, que se firma nas concepções totais de Verdade, de Bem e de plenitude do Ser, está sob a égide do erro, pois tudo o que é humano não se diz, como sabemos, pela positividade, tampouco por existe distante do homem. O horizonte humano está para o nada e, sendo assim, a verdade acontece junto à existência humana iluminadora. Não existe o bem vertical anterior e acima das dos homens. O bem se refere à escolha sobre si mesmo e pelo mundo humano a nossa frente. Esta escolha está impregnada de responsabilidade. Escolher é, pois, um bem. Distanciamo-nos então das concepções totalizadoras do ser que se arrastam ao campo moral, por um motivo óbvio: se o homem se esquiva da angústia que é a consciência de sua liberdade e concomitantemente de sua responsabilidade a partir dessas válvulas de escape que são as perspectivas totalizadoras, ele se envereda no caminho da má fé, ao trazer essas condutas ao universo axiológico. Ele também será pautado nessa enganação que ele próprio se coloca a si mesmo.

Sendo assim, o valor só pode ser entendido através do movimento e da abertura correspondentes à realidade humana. Por este motivo os moralistas, ao se enveredarem pela tentativa de atribuir ao valor a solidez das coisas, nutrem os valores sociais, éticos, políticos e religiosos com a totalidade que lhes escapa. Eles reduzem o valor ao mundo objetivo, do em-si. Ao engessar o valor, as leis e os preceitos nestes elementos o horizonte axiológico se torna dado e finito e, por sua vez, se distancia de sua origem real, ou seja, a existência humana.

O valor não pertence a outro ser que não o homem, isto é, se refere a uma suspensão da existência humana rumo à consciência futura. Valores como bem, mal, lealdade só encontram sua eficácia na medida em que se encontram com o aberto, o possível. Ao serem colocados no âmbito da totalidade, estes deixam de ser valores, uma vez que o valor entra no mundo através das potências do para-si e pertencem a um futuro nunca acabado. Aqui está o problema em aderir ou apoiar-se em valores universais abstratos e totais e necessários como fazem os moralistas, visto que estes valores nos remetem ao espírito de seriedade e aos seus problemas.

Ao afastarmo-nos das condutas totalizantes, voltamo-nos ao campo da responsabilidade, isto é, na ausência, que se apresenta como elã existencial do homem ele mesmo deve inventar-se. A partir da derrelição há a criação. Nosso autor, nos *Cahiers pour une morale*, afirma que o campo moral ocorre “na atmosfera da falha”³. (SARTRE, 1983, p.19). Ora, o que Sartre pretendeu fazer ao aproximar falha e moral? Não nos percamos em erros. Falha aqui denota a impossibilidade de uma moral ser calcada em valores absolutos e além da realidade humana. A moralidade é humana e, assim como, o homem está para a possibilidade, pelo que não é pleno. Falha aqui não nos parece ser sinônimo de conduta imoral, mas expressão da abertura que é inerente por definição à moralidade. A existência em seu corpo — a liberdade — está aberta e essa abertura prende o homem à responsabilidade moral. O homem está condenado à liberdade de seu ser, à responsabilidade e a escolher a moral como escolha de si, do outro e das situações.

Ao escolher estes elementos entendemos que a moral não pode ser senão concreta, isto é, a moralidade ocorre objetivamente. Sartre se afasta de universalismos abstratos e se torna um apologeta de uma perspectiva de universalidade concreta. A moral é uma teoria da

³ À la vérité, originellement la morale a lieu dans une atmosphère d’échec.

ação (SARTRE, 1983, p.24)⁴ e, como sabemos, uma ação abstrata é inútil quando tratamos da transformação de uma situação concreta. Nesse sentido, o homem é integralmente responsável por sua situação e pela ação que empreenderá. Sartre entende que o elo entre todos os homens, isto é, o traço de universalidade compreensível é o projeto existencial. Este, por sua vez, ocorre de modo situacional e como invenção permanente do homem, ou dos homens que se encontram e se olham. É preciso então que os homens assumam a história e a sua história, a fim de que possam transcendê-la. Há aqui uma tensão entre o particular e o universal.

Esta tensão ocorre, pois, como nós afirmamos há pouco, no projeto humano que universaliza o homem. No entanto, cada homem é uma existência particular. Ante o exposto, declaramos que a ação humana é ambígua. A ação moral é particular, pois é a partir do homem concreto que se dão os sentidos e cada homem compreenderá e agirá numa situação concreta, como por exemplo, se engajar, junto a outros, para fazer uma greve. Notamos que a ação e a responsabilidade se engrazam numa axiologia sartriana, isto é, o homem se faz, cria sentido e recria o mundo a partir de novos valores. Isso o coloca mundo a sua frente e cabe a este mesmo homem desvelá-lo e dar-lhe sentido, engajar-se de modo radicalmente responsável. Notamos então que a ação e responsabilidade podem ser entendidas como elementos morais presentes no existencialismo de Sartre.

Ao agir cada homem escolherá a todos, o que entendemos como uma adesão universal e concreta pelo humano. Não raro, o engajamento é compreendido, nas perspectivas de Sartre como essa adesão do homem particular ao horizonte maior de compromisso. Se, o engajamento, denota ao mesmo tempo a ação e a responsabilidade como expressão do homem que traz a si sua existência e o mundo que o cerca, devemos nos perguntar: que relação há entre o engajamento e a moral da existência?

⁴ La morale c'est la théorie de l'action..

4. O ENGAJAMENTO: COMPROMISSO EXISTENCIAL E MORAL

O homem escolhe sempre e, ao escolher, ele se torna responsável pelo que faz, e isto porque não há nenhum valor *a priori* que determine ou valide sua adesão. Sartre postula a existência que se abre ao horizonte dos possíveis. Essa escolha por si e pelo mundo é total. O homem pode, todavia, não escolher, mas deve estar ciente de que não escolher já é uma escolha. Ao escolher, este mesmo homem adere um sentido e constrói sua existência a partir dali. Engajar-se, então, pressupõe a responsabilidade com um tipo de humanidade que é larga e profunda. Ele se escolhe e escolhe também a todos os homens de sua época.

A escolha possui um caráter absoluto. Ora, tratar do absoluto nos limites do pensamento de Sartre parece estranho, todavia, é preciso esclarecer que esse absoluto diz respeito ao projeto que, como sabemos, universaliza os homens, uma vez que qualquer homem pode compreender a existência humana e sua realidade em situação. Vale lembrar que esse caráter absoluto da escolha e da ação não suplanta a relatividade das culturas. Isso significa que escolher faz parte do projeto existencial e é por isso que há uma “universalidade de todo projeto” (SARTRE, 2010, p.48). No entanto, a escolha será uma adesão consciente direcionada a uma realidade situada, com seus problemas e dificuldades a serem transpostas. Sendo assim, a universalidade está para o projeto humano, isto é, ela se maximiza quando encontra a condição humana de criar-se como ser do Para-si e, ao mesmo tempo, é particular, pois este fazer a si mesmo não é desprendido do mundo, mas se dá de modo situacional e concreto. Logo, universal, moral, ação e responsabilidade permeiam o campo que nós, chamamos aqui, de transcendência horizontal.

Engajamento e situação são termos que, em Sartre, precisam ser compreendidos num campo intrínseco. O homem escolhe, por meio de sua adesão ou compromisso, e incitado em sua liberdade de ser alterar a realidade que o constrange. Engajar-se, deste modo, é escolher e escolher é, ao mesmo tempo, criar valor. Notamos que, em Sartre, o homem engajado possui um papel duplo: dar sentido ao mundo e mudá-lo. Devemos lembrar que a realidade humana é, em seu bojo, negatividade, portanto, faz a si mesma num fluxo constante enquanto existência no mundo que se faz e faz o mundo ao nadificar e construir. Tomamos como exemplo desse compromisso, do homem consigo mesmo, com o

outro e com o mundo o escritor que, segundo Sartre, “é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação”. (SARTRE, 1993, p.62). O escritor engajado é aquele que se torna mediador dos homens com o seu tempo. Ele jamais tratará seus leitores como coisas, ou alienados, mas como liberdades situadas que estão diante de vários coeficientes de adversidades e, mais, estes devem ser superados. O compromisso do escritor engajado é, sobretudo, com a liberdade de seu leitor. O livro — especificamente a prosa, pois esta assume um caráter significativo para Sartre, visto que aqui os signos são signos e não coisas como, por exemplo, na poesia, isto é, a um chamamento imediato a liberdade do leitor — de um escritor engajado não está suspenso à realidade e isso porque ele conta com um dado significativo: a *historicidade*. Notemos, assim, que o compromisso do escritor engajado pressupõe uma consciência temporal da liberdade que, por sua vez, é situada. A liberdade não se situa acima da história, mas nela está inserida.

O escritor engajado se propõe a desvelar o mundo aos seus leitores, se esforça em apelar a liberdade de cada um deles. Ele propõe, assim, uma libertação concreta das alienações particulares. Essas alienações particulares que são denunciadas, a fim de que sejam superadas, são, por exemplo; os costumes, as instituições, certas formas de opressões. De modo pontual os valores e os costumes são vistos, como sabemos, distantes da realidade humana e se firmam nas condutas de totalidade. É nesse mundo marcado pela tentativa de positivação que o escritor engajado impregna sua liberdade concreta, na medida em que aponta estas alienações, a situação, a história e, isso, porque sua liberdade é, ao mesmo tempo, nadificadora e libertadora. Há aqui, um encontro ou uma reciprocidade, uma vez que escritor e leitor empreendem um trânsito negativo de sentidos que, por sua vez, implicará na alteração da realidade e de seus coeficientes de adversidade.

O escritor engajado é, portanto, o homem que se compromete com o seu tempo. Escolhe ser escritor e isso o universaliza, isto é, sua escolha e seu projeto fazem com que ele encontre a todos os homens, mas sua singularidade está em, através da arte, relevar o mundo aos homens de seu tempo e incitar a liberdade destes mesmos homens a reconfigurar o mesmo mundo. Com efeito, precisamos considerar que o engajamento, a exemplo do escritor que assume este compromisso com seu tempo histórico, lida com três elementos basilares: liberdade, facticidade e situação.

Faz-se mister que nos afastemos das concepções do senso comum contra a liberdade, visto que nessa seara, a realidade humana é vista como impotente. Afirmar, por exemplo, que não compete ao homem, por não ter forças suficientes, alterar a realidade e que ele não é livre para escapar ao destino de ter nascido nessa ou naquela classe social, nação ou família. Nesse caso o homem nasceria fadado a ser fracassado, visto que estaria obrigado a contentar-se em ser feito e não em fazer-se. No entanto, essa realidade que, aparentemente se opõe à liberdade — para sermos radicais, indica a supressão dessa condição do homem— só faz afirmá-la, pois é através dos coeficientes de adversidade que o homem posiciona sua transcendência. Ora, o que isto quer dizer? Sabemos que agir é realizar empreendimentos que, firmados na intencionalidade, visam alterar a realidade. Logo, esses problemas concretos são posicionados por nós como limites a serem ultrapassados, isto é, nossa transcendência horizontal deve transpor e reformular o mundo através do fim proposto. Em suma, instituições, valores, costumes e a moral devem ser colocadas no campo da negação e da reformulação, assim como o é a existência humana, uma vez que todos esses dados são humanos.

O fim é concreto, isto é, ele fomenta a transcendência humana rumo àquilo que ela não é ou onde ela ainda não está. O fim se diz, segundo, o nosso autor, pelo “esboço de uma série de disposições a serem tomadas pelo existente sobre o fundamento de suas relações atuais.” (SARTRE, 2009, p.595). Vale ressaltar que ser livre, ao contrário do que postula o senso comum, não significa fazer o que se quer, mas determinar-se a ser o que se quer. Podemos dizer que liberdade significa, junto com condição humana, autonomia da escolha e esta se dá nos limites da historicidade, ou seja, escolher é escolher-se e escolher radicalmente o seu tempo, agir sobre ele e reconfigurá-lo.

Parece-nos que o engajamento se refere à adesão do homem pelos problemas de seu tempo, ou melhor, à disposição de transcendê-los através da condição humana que é, em seu miolo, nada. O para-si então se descobre comprometido no e pelo Ser e também é ameaçado por ele, mas reconhece igualmente que a situação, outrora posta como fundamento de negação da liberdade, é, ao contrário, terreno no qual ela se afirma. A liberdade é, deste modo, apreensão da facticidade humana, porque através dela o homem é capaz de descobrir o lugar em que está situado e, o mais importante, alterá-lo. A contingência na qual a realidade humana surge faz com que a liberdade também apareça

nessa esteira, isto é a nadificação que, por sua vez, acontece através do ser do para-si será situacional e, portanto, não necessária. Logo, existência e liberdade ocorrem no âmbito da derrelição. A liberdade, portanto, ilumina a escolha da própria existência e, mais, ilumina também o mundo no qual ela está lançada. O Para-si ilumina, através de sua escolha ou engajamento, o mundo com todos os seus coeficientes de adversidades.

Sendo assim, afirmamos que a liberdade é, em seu bojo, acidental, pois ela é a existência do homem que, por sua vez, surge no mundo de modo gratuito. Todavia, essa gratuidade, quando o homem se reconhece existência no mundo e empreende o processo de construção de seu projeto existencial, dá lugar à angústia e à responsabilidade. O homem assume a si mesmo como projeto e, como sabemos, isso o universaliza. Ademais, ele se engaja com o mundo, isto é, se compromete com o seu tempo, com os valores e costumes. Comprometer-se, no entanto, não se refere à resignação. Notamos que, em Sartre, engajamento designa compromisso radical do homem rumo à reconfiguração da ordem vigente. Tal ordem pode constranger ou incitar nos homens má fé e inautenticidade.

A situação enquanto elemento principal do engajamento da liberdade dos homens não pode ser considerada, em sua contingência, um dado bruto. Se assim, fosse ela seria um mecanismo supressor da liberdade dos homens e, como sabemos, é impossível que se suplante a liberdade, visto que ela é condição elementar da existência humana. Logo, a situação não constrange ou abafa a liberdade, ao contrário, é nela e por ela que o homem transcende. Sua liberdade *ilumina* o mundo dando-lhe sentido (cf. SARTRE, 2009, p.600). Podemos dizer que a realidade humana age e, ao fazê-lo, estabelece automaticamente um fim, qual seja: posicionar valor ao mundo, como fim da liberdade. Nascer é, sobretudo, ocupar um lugar, ou seja, uma facticidade e cabe ao para-si nadificá-lo e recriá-lo numa constante. Engajar-se, denota tal compromisso, isto é, assumir a facticidade como se assume a própria vida: criando-a. Devemos, segundo nosso autor, nos declarar profundamente responsáveis por nossa situação. Contudo, só somos livres em situação. Iniciamos este capítulo levantando a seguinte questão: o engajamento denota um aceno à moral da existência? Ao constatarmos que o homem cria sentido e valor, quando se compromete com a realidade que o cerca e, deste modo, empreende transcendentalmente sua superação. Os novos valores surgem como rompimento da ordem vigente e opressora afirmando assim a liberdade que é o homem. Deste modo, ação e responsabilidade apontam

para o engajamento que, por sua vez, expressa um compromisso moral do homem com seu projeto. Sabemos que, ao assumir-se concretamente, este mesmo homem assume a todos os outros.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Secundária

ALVES, Igor S.; JACOBELIS, Paola G.; BELO Renato; SOUZA, Thana de Souza. **O Drama da Existência**: Estudos sobre o pensamento de Sartre. São Paulo: Humanitas, 2003.

ANDRADE, Abrahão Costa. **Militante da Liberdade**. As comemorações do centenário de nascimento de Jean Paul Sartre reavivam o interesse pelo pai do existencialismo ateu. *Discutindo Filosofia*, São Paulo, ano. 1, nº 1. p.32-37.2005.

BARBOSA, Elyana. Jean-Paul Sartre, o Filósofo da Esperança. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos**: Ética, racionalidade e imaginário. São Paulo: Idéias& Letras, 2008, p.9-16.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BENNY, Lévy. **O Testamento de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

BOLLONOW, Otto Fiedrich. **Filosofia Existencial**. Coimbra: Arménio Amado, 1946.

BORNHEIM, Gerd Alberto. **Debates de Filosofia**: Sartre, Metafísica e Existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CARDOSO, Delmar. **A liberdade em *L'être et le néant***: Descrição e problemas. *Síntese - Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, n.103, 2005, p.203-218.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

COLETTE, Jaques. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **O Eterno Marido**. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ETCHEVERY, Auguste. **O conflito atual dos humanismos**. Porto: Tavares Martins, 1946.

FIGURELLI, Roberto. Sartre e a literatura engajada. **Revista Letras**, Curitiba, n.36, 1987, p.89-111.

GÓIS, Cléa. Sartre: da consciência do Ser e o Nada ao Existencialismo é um humanismo. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: hermenêutica e facticidade**. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 2v.12.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Problema do Ser: o caminho do campo**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

JEANSON, Francis. **Le problème morale et le pensée de Sartre**. Paris: Seuil, 1965.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução Tania Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

KIERKEGARD, Soren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado original**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.M

LANDSBERG, Paul-Louis. **O sentido da ação**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e Literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. O Imperativo Ético de Sartre. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 151-160.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **O conhecimento de si**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: São Paulo: Casa do Saber, 2011.

MARCONDES, Constança Cesar; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Idéias & Letras, 1998.

MENDONÇA, Cristina Diniz. **O Mito da Resistência**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.

- MESZAROS, Istvan. **A obra de Sartre**: busca da liberdade. São Paulo: Ensaio, 1991.
- MORAVIA, Sérgio. **Sartre**. Tradução de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- MOUTINHO, Luiz Damon. **Sartre**: Existencialismo e Liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.
- MÜLLER, Marcos. A má-fé e a teoria da negação em Sartre. **Manuscrito.V. V**, n.2, Campinas, 1982.
- MÜNSTER, Arno. **Sartre et la Morale**. Paris: L'Harmattan, 2007.
- NOUDELMANN, F.; PHILIPPE, G. **Dictionnaire Sartre**. Paris: Champion, 2004.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência & Liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- PFIEL, Claudio Luis. Moral em Sartre: uma porta para o possível. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos**. Ética, racionalidade e imaginário. São Paulo: Idéias& Letras, 2008. p.147-161.
- POVOAS, Jorge Freire. A Má-fé na Analítica Existencial Sartriana. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos**. Ética, racionalidade e imaginário. São Paulo: Idéias& Letras, 2008.p.161-199.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução: Cesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013.
- RIZK, Hadi. **Comprender Sartre**. Paris: Armand Colin, 2011.
- SANTOS, Magda Guadalupe dos. Alteridade, Facticidade e igualdade: leituras de Sartre, Beauvoir e Levinas no processo de radicalização da Metafísica no século XX. In: SANTOS, Magda Guadalupe dos; OLIVEIRA, Ibraim Vitor de (Org.). **Tempos de Metafísica**. Belo Horizonte: Tessitura, 2011, p.53-93.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *Anarquia e Moral*. Entrevista de Jean-Paul Sartre concedida a R. Fornet-Betancourt, M. Casañas e A. Gomes. **Concordia**, Espanha, nº1, p.75-77. 1982.
- SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Tradução de João Batista Kreuck. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**: precedido por Questões de Método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. **Diário de uma guerra estranha**. Tradução Aulyde Soares Rodrigues e Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço de uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SARTRE, Jean-Paul; MALRAUX, André. **Malraux e Sartre falam de**. Tradução Antônio José de Almeida. Lisboa: Moraes, 1976.

SARTRE, Jean-Paul ; PIERRE, Victor ; PHILIPPE, Gavi. **Porquê a Revolta?** Lisboa: Sá da Costa, 1974.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **Sartre no Brasil- A conferência de Araraquara**: filosofia marxista e ideologia existencialista. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Paz e Terra: UNESP, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **Verdade e existência**. Tradução Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Lisboa: Europa-America, 1968.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. Tradução Marco Antônio dos Santos Casanova. Petrópolis: Vozes, 1994.

SIRINELLI, Jean-François. Jean-Paul Sartre, um intelectual engajado. In NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.161-169.

SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a literatura engajada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TROGO, Sebastião. **O impasse da má-fé na moral de J. P.Sartre**. Belo Horizonte: Ciência Jurídica, 2011.